

hooks, bell¹. *Minha dança tem história*. Tradução de Nina Rizzi. Ilustração de Chris Raschkal. 1. ed. São Paulo: Boitatá, 2019. 32 p.

Josinelma Ferreira Rolande²

Recebido em: 15/02/2021

Aceito em: 02/03/2021

Um belo dia o carteiro tocou a campainha da minha casa para entrega de mais uma das muitas encomendas de livros realizadas em 2020. Dessa vez, a entrega eram dois livros da bell hooks, *Anseios e Olhares Negros*, os quais se juntaram a *Erguer a Voz*. Diante dessa trilogia, minha filha, Magali Rolande, de seis anos, olhando a capa desses três livros, alertou-me: “Mãe, esses livros que a senhora tem é sobre partes do corpo humano! Olha aqui: boca, coração e os olhos. Esses livros são bonitos. Por que eu só tenho um livro da bell hooks e você tem vários?”. Foi com essa cobrança que o carteiro retornou com uma encomenda preciosa: o segundo livro infantil da bell hooks, publicado pela Boitatá, *Minha dança tem história*. Foi assim que um garoto negro chamado Bibói adentrou minha casa para dançar break com outra criança negra, a pequena Magali.

Minha dança tem história é um livro que nos possibilita realizar, a cada leitura, uma resenha,¹ uma dessas festas onde amigos se encontram para se divertirem. Aqui não foi diferente, enquanto

1 A grafia do nome da autora em letra minúscula respeita a decisão de bell hooks, amplamente divulgada, para destacar o conteúdo de sua obra, e não sua pessoa.

2 Doutoranda em Antropologia pelo PPGAS/UnB. Arte-educadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). E-mail: nelmarolande@gmail.com

eu fazia a leitura cantada do livro, Magali acompanhava fazendo beat box ao mesmo tempo que tentava imitar os movimentos do pequeno Bibói. Tais movimentos se evidenciam nos traços do ilustrador Chris Raschkal, que dá forma a Bibói, dando destaque para a pele negra do garoto, que no batuque e na batida faz rima e bamboleia.

Um livro aparentemente curto, mas que pode possibilitar uma longa resenha/encontro. E foi assim, mediada pelos questionamentos de Magali após mais uma dentre as muitas leituras cantadas, que fomos conhecendo Bibói: “Mãe, por que ele tá chorando aqui? Ele tá triste?”; “Por que ele se chama Bibói?”; “Por que minha dança tem história?”. Essas perguntas me permitiram falar sobre a sensibilidade dos garotos e sobre a cultura do hip-hop. Embarcamos nas batalhas aonde Bibói se contorce, dobra e gira. Lá estávamos nós assistindo vídeos de batalhas de break, especialmente aqueles em que mostravam crianças. Ela assistia e novamente tentava imitar os passos, uma animação só, uma verdadeira resenha. Nesse encontro, Mc Soffia² também se fez presente. Quem a convidou foi Magali, comparando sua rima com o pequeno “Bibói bom de batida”.

Minha dança tem história nos permite vivenciar bons momentos com um pequeno garoto que só quer saber de rimar, de se movimentar, de rir, de chorar, de abraçar, de correr, de pular, de batucar, de brilhar, de brincar, de contar sua história. Foi nessa onda break-rima/rima-break que a minha pequena garota embarcou, nessa resenha que aglomerou muita gente em nossa casa. Seguindo os protocolos de segurança nesse período de pandemia, nos ajuntamos/resenhamos com Bibói, bell hooks, Chris Raschkal e Mc Soffia.

